

## Reseña biográfica

# Militância, memórias do exílio e recomposição política: a trajetória de José Ibrahim, líder da greve de Osasco de 1968<sup>1</sup>

**Elina Pessanha\***

*UFRJ/CNPq, Brasil*

*elina.pessanha@terra.com.br*

Nós já tínhamos sido brindados antes com um belo livro de Maria José (Mazê) Chotil (2015), sobre o exílio brasileiro de trabalhadores no pós-1964. Fruto de uma pesquisa supervisionada por Afranio Garcia, na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, o estudo preenchia uma lacuna na história social do período, que cobrira mais a saída de intelectuais, estudantes, políticos e artistas atingidos pelo autoritarismo do regime militar então vigente. Com base em farta documentação e entrevistas, a autora reconstruiu as dificuldades e desafios enfrentados por sindicalistas e militantes que, muitas vezes com suas famílias, tiveram que recomeçar suas vidas em solo estrangeiro, rompendo

---

<sup>1</sup> Esta resenha se baseia, em grande parte, nos comentários sobre o livro José Ibrahim - o Líder da primeira grande greve que afrontou a ditadura, de Maria José Chotil, apresentados num simpósio promovido pelos professores José Sérgio Leite Lopes e Beatriz Heredia, no Colégio Brasileiro de Altos Estudos-CBAE da UFRJ, em 2018, e que contou ainda com a participação da autora e do professor Paulo Fontes, da UFRJ.

\* Professora Titular de Antropologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, e pesquisadora do CNPq. Coordena o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, na mesma universidade.



barreiras de língua, escolaridade, hábitos culturais e profissionais, além de preconceitos.

Para esse primeiro trabalho, seu método de pesquisa consistira em localizar fontes de informação, em textos escritos, na internet, em centros de documentação, a fim de ter bastante conhecimento do período e dos fatos ocorridos, para em seguida procurar e entrevistar os trabalhadores que se exilaram entre 1964 e 1985. Para colher as informações diretamente dos entrevistados, a base teórica sobre história oral e memória foi mobilizada: Jacques Le Goff (1988) e a idéia de eficácia da memória dos indivíduos, questionando a objetividade da construção dos fatos somente a partir dos documentos históricos escritos; a noção, de Pierre Nora (1984), de que as lembranças são a base da história oral, e que se a memória refere-se ao vivido, a história é o que é elaborado; ou ainda Maurice Halbwachs (1990), destacando que lembrar “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje”.

A recuperação que Mazé faz, no novo livro (Chotil, 2018) sobre a trajetória de um dos exilados anteriormente entrevistados, o sindicalista metalúrgico José Ibrahim, vem complementar, de modo muito rico, essa história. Retomando a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa anterior, ela levantou documentos, estudos, notícias de imprensa, correspondência, fotos, filmes, etc. Além de contar com os depoimentos do próprio Ibrahim, realizou entrevistas com inúmeras pessoas, familiares, amigos, vizinhos, seus companheiros de militância e do exílio, além de vários sindicalistas e políticos, para compor um quadro multifacetado da vida do principal líder de uma das duas únicas grandes greves que enfrentaram o regime militar em 1968: a de Osasco, em São Paulo (a outra foi em Contagem, Minas Gerais).

Seu texto é claro e direto, lida muito bem com os fatos registrados, as interpretações dos diversos atores sociais, e as nuances do percurso de Ibrahim, tanto enquanto estudava, trabalhava ou militava na segunda metade dos anos 1960, quanto durante as fases do exílio e mesmo depois da volta ao nosso país e da anistia em 1979. Finalmente narra como se recompõe, com a transição e a lenta abertura democrática após 1980, o cenário sindical e político brasileiro, no qual Ibrahim vai se movimentar peculiarmente, envolvido com a criação e sustentação de diferentes centrais sindicais e de novos partidos, até a sua morte em 2013. É importante assinalar que, embora esta resenha se concentre mais na figura de Ibrahim, Mazé se refere o tempo todo aos seus familiares, amigos, companheiros e a outras pessoas que vão se relacionando com ele, sublinhando também o papel que esses atores desempenham nos processos que descreve e no campo onde se movimentam (Bourdieu, 1983).

## Escola, trabalho e sindicato

José Ibrahim nasceu no estado de São Paulo em 1946, filho de um libanês imigrante e de uma brasileira descendente de portugueses. Cresceu no bairro de Presidente Altino, no - depois emancipado da capital- município de Osasco. Caçula de 11 irmãos brincava no quintal das casas da família, entre plantas e animais. Como prática adotada por seu pai, para filhos e filhas, cursou o primário e depois teve que combinar trabalho com estudo noturno. O livro faz um retrato sensível da infância e adolescência das camadas populares na periferia de uma grande cidade, mostrando como a dureza das condições de vida era acompanhada por relações de afeto familiar e de vizinhança.

Rapaz ainda, com 14 anos, Ibrahim começa a trabalhar como aprendiz na Cobrasma - forte empresa do setor metalúrgico para equipamentos de transporte. Cursa o SENAI, estuda à noite num bom colégio público, onde se lembra de ter tido professores de história e literatura progressistas. A militância começa cedo: no primário já organizava abaixo-assinados pedindo soluções para problemas, no SENAI cria um grêmio e é eleito seu presidente. Aproxima-se dos grêmios escolares e envolve-se com o movimento secundarista da cidade. Mas consciente de sua identidade operária, começa logo a frequentar o sindicato, e lá ou no barzinho de seu pai, ouve e aprende com militantes do PCB, de outras correntes de esquerda e da igreja católica. Com outros trabalhadores estudantes forma o Grupo de Esquerda de Osasco, para discussões e troca de livros, e depois grupos de leitura para discutir textos marxistas e as revoluções socialistas.

Quando ocorre o golpe militar de 1964, Ibrahim tem 17 anos e, sem filiação partidária, não é molestado. Termina sua formação no SENAI nesse ano e, destacando-se, assume a função de controle de qualidade na empresa. Na resistência ao regime implantado, evitando filiar-se às correntes comunista ou católica, cria um comitê interno à Cobrasma, clandestino, para discutir problemas dos operários da base e tentar encaminhar soluções. Paralelamente junta-se a outros companheiros para criação e fortalecimento da Comissão de Fábrica - uma das primeiras, finalmente oficializada em 1965- e é eleito representante de seu setor e 2º secretário. Em 1966 é escolhido presidente da Comissão. Em 1967 encabeça a Chapa Verde -de oposição e sem ligação oficial com qualquer grupo ou partido- que vence as eleições para o Sindicato de Metalúrgicos de Osasco. Com 20 anos, foi provavelmente o mais jovem dirigente sindical brasileiro, e investe principalmente na sindicalização dos trabalhadores, na criação de comissões de fábrica, na formação dos militantes, no processo decisório por assembleias. Defende a greve como instrumento fundamental de enfrentamento e luta nos processos de negociação coletiva.

## A greve de 1968

Mazé nos traz então um detalhado relato da greve de 1968 em Osasco, seguindo-se à de Contagem (MG), e justificando em grande parte a forte inflexão de autoritarismo do regime militar nesse período. As discussões e a preparação da greve -apoiada e estimulada por Ibrahim, embora o Sindicato não assumisse explicitamente sua direção, já que a greve era proibida-, a produção do material impresso com apoio dos estudantes para esclarecer a população, o suporte de diversos movimentos e comissões de fábrica, das comunidades de bairros, da igreja e do movimento estudantil, tudo isso é registrado no livro, com base em notícias da imprensa, documentos, estudos, e relatos orais ou escritos (entre os quais o do próprio Ibrahim, “Greve da Cobrasma”, de 2011). E estão cobertos também o desenvolvimento da paralisação, a tentativa de negociação, a reação da empresa e do governo federal, a repressão e até mesmo os desdobramentos da greve, depois de terminada.

Deflagrada no dia 16 de julho de 1968, a greve de ocupação traz reivindicações de 35% de aumento salarial, contrato de trabalho coletivo de dois anos e salários reajustados a cada três meses, assim como a readmissão de dois membros da Comissão de Fábrica demitidos. Nesse dia, Ibrahim acorda, pede a um dos irmãos que avise depois aos pais sobre os acontecimentos e vai para o Sindicato. Os trabalhadores entram na Cobrasma às 7 horas da manhã, depois das 8 hs o apito da fábrica toca novamente e eles param, cruzam os braços. Tem início a greve de Osasco de 1968. Os membros da Comissão de Fábrica convidam os operários para uma assembléia no pátio, controlam os portões, liberam apenas os menores e as mulheres.

Na sede do Sindicato, Ibrahim convoca a imprensa, divulga a greve junto aos apoiadores, aos deputados do MDB, à Delegacia Regional do Trabalho. Fala de uma greve espontânea, e se oferece para negociar. Mas a reação do patronato e dos governos -principalmente do governo federal, que envia o Ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, para São Paulo- é dura e violenta. Ibrahim se encontra no mesmo dia com o diretor da Cobrasma, Luís Vidigal Filho, com quem discute antes de abrir as negociações. Vai depois para a fábrica, não consegue entrar por causa dos seguranças patronais e termina por pular o muro para se reunir com os operários e discursar, informando-os sobre o encontro com a direção da empresa. Traz os representantes da empresa e do governo para falar também, e diante da informação de que será apresentada uma contraproposta da Cobrasma, os trabalhadores ficam convencidos de que haveria uma negociação.



No dia seguinte, outras fábricas paralisam: a de Fósforos Granada, a Osram, a Barreto Keller, a Lonaflex. Mas o Ministro Passarinho já está em São Paulo e às 13 hs são dadas as ordens para enviar veículos Brucutu e soldados para Osasco. Às 16 hs a greve é declarada ilegal. Ibrahim recebe a notícia de que a Cobrasma e o Sindicato seriam invadidos. Segundo o prefeito de Osasco à época, Guaçu Piteri, o governador Abreu Sodré estava disposto a evitar o confronto, mas Passarinho se encarregou pessoalmente das operações e deu ordem de intervenção em coordenação com o comando do II Exército e a Polícia Federal.

A repressão se deu à noite e a Cobrasma e o sindicato foram cercados por policiais (mil soldados segundo a *Folha de São Paulo*). A fábrica é invadida, o cenário como Mazé o descreve a partir dos depoimentos colhidos é dantesco, na escuridão os operários enfrentam a repressão e gritam palavras de ordem, correm, se escondem, muitos fogem, mas a imprensa notícia que de 300 a 600 pessoas terminam detidas.

No Sindicato, em assembleia, os trabalhadores decidem pela saída das principais lideranças para não serem presas. Ibrahim sai e consegue escapar, com ajuda de companheiros, escondendo-se depois.

## Militância clandestina e prisão

Com a diretoria do Sindicato destituída e sua prisão decretada, Ibrahim passa para a clandestinidade. Unindo-se à VPR-Vanguarda Popular Revolucionária, opta por não participar da guerrilha no campo, mas investir no “movimento de massa, junto com os trabalhadores”. Fica responsável pelo comando urbano das ações do grupo.

Em dezembro de 1968 o governo militar baixa o AI-5, e em fevereiro de 1969, depois de seis meses atuando na clandestinidade, Ibrahim é preso num sobrado próximo ao Butantã, em São Paulo, onde morava com outros militantes. Torturado durante muito tempo, fica incomunicável por mais de cinco meses. Sua família o procura em vão até que recebe um bilhete trazido por um jovem soldado, filho de metalúrgico, onde diz que está no DOPS e bem de saúde, pede um “bom” advogado, e os tranquiliza um pouco. Afinal os familiares podem vê-lo, mas nesse dia seu pai diz que não aguenta encontrá-lo e partir deixando-o preso, e que não voltará mais a visitá-lo. Foi o último encontro dos dois.

Transferido para o presídio Tiradentes, encontra muitos companheiros políticos e pode circular e conversar, além de receber os parentes. Mas em 4 de setembro de 1969, dia seguinte à festinha de seu aniversário organizada pela família na

prisão, o embaixador americano no Brasil foi seqüestrado por grupos adversários do regime militar, para ser trocado por quinze presos políticos. Ibrahim está na lista dos quinze, e diante da notícia, vive momentos de muita tensão, teme pelo pior, “tem medo, frio na barriga”. Transportados até o Galeão, de onde partiriam, os militantes de várias tendências (MR-8, ALN, VPR) aguardam horas até ser embarcados, algemados. Param em Recife para pegar Gregório Bezerra – segundo Ibrahim, “todo mundo nervoso, amedrontado, e esse cara entra com essa bravura, essa firmeza”, “uma maravilha”- e em Belém para embarcar Mário Zanconato. Seguem finalmente para o México, onde são libertados.

## Memórias do exílio

A fase do exílio é longa, cortada por mudanças de país e alterações na vida de José Ibrahim, e Mazé narra esse período alinhavando com muita propriedade as memórias dele e de outros atores. Após alguns dias no México, Ibrahim opta por seguir para Cuba. Lá conhece Marília, também exilada, com dois filhos, e com ela passa a viver, em Havana. Ambos faziam questão de trabalhar e Ibrahim vai para uma pequena metalúrgica com máquinas antigas. Marília, entre outros trabalhos, atua como locutora de rádio. Ele tinha dificuldade de se corresponder com a família, as cartas tinham que passar pela Suíça e serem redirecionadas.

Quando Salvador Allende assume o poder no Chile no final de 1970, Ibrahim resolve ir pra lá, mas Marília escolhe ficar em Cuba. No fim de 1972 todas as organizações da esquerda brasileira e latino-americana estavam no Chile, mas ele não tem mais vínculos com a VPR, já bastante esfacelada. Ele conta que nessa época já tinha uma visão crítica do regime soviético: “Não era aquele socialismo que queríamos. (...) mas um socialismo democrático muito próximo da chamada social-democracia que tinha em vários países da Europa”. Ele achava que no Chile essa via de construir o socialismo sem a luta armada, pela via eleitoral, seria possível. Fica morando na periferia de Santiago e procura os antigos companheiros. Pode falar pelo telefone com a família, e sua mãe vem visitá-lo. Começa a trabalhar na zona industrial, onde monta uma pequena metalúrgica com três companheiros. Conhece então Tereza, ex-estudante de sociologia, militante do MR-8. Começam a namorar e dão início a uma relação que duraria 10 anos, tendo um filho, Carlos Eduardo.

Mas o golpe no Chile se anuncia e vem, em 11 de setembro de 1973. Quando começa a acontecer a caça aos estrangeiros, Ibrahim e Tereza, então grávida, trocam de casa. Sua pequena empresa fora invadida e saqueada. Logo depois, a



polícia vai até onde passam a morar, mas não os prende. Eles estavam aguardando a chegada dos pais de Tereza em breve, e decidem que ela ficaria com amigos, enquanto ele pediria abrigo numa embaixada. Todas estavam lotadas e vigiadas, mas numa movimentação rápida e escapando da polícia, com as roupas sendo arrancadas, ele consegue se jogar dentro da embaixada, enquanto Tereza e amigos chilenos acompanhavam do lado de fora. A embaixada estava lotada e as pessoas só conseguem embarcar para o Panamá em novembro. Quando chega lá, já encontra Tereza, que viajara via Colômbia, e está prestes a ter o filho. Ele fora enviado para o interior, por segurança, mas Tereza consegue alugar um apartamento na capital e ele vem ao seu encontro. Consegue que a mãe de Tereza traga um dinheiro que ele acabara de receber da Cobrasma, por direitos trabalhistas, e pode pagar o parto. Mas não pode registrar o filho, por só ter documento de “apátrida”, “um morto civil”, como constata. No Panamá, Tereza e Ibrahim se casam no religioso. Mas sobrevivem com ele vendendo maçãs nos sinais de trânsito, e Tereza insiste para irem para a Europa, apesar da insegurança de Ibrahim diante dessa possibilidade.

A Bélgica aparece como alternativa e eles viajam, com financiamento de um programa da ONU, ficando na casa de metalúrgicos socialistas, em Nivelles. Ibrahim recebe então um passaporte de refugiado político, que lhe possibilita trabalhar, e é admitido numa empresa metalúrgica multinacional, para fazer manutenção de máquinas. “Era o início da robótica na Europa, a informatização na área da metalurgia e esses conhecimentos eu não tinha, então eu tive que ir adquirindo, mas eles também não tinham, todo mundo foi adquirir”. Candidata-se às novas vagas que surgem e conquista um novo cargo e aumento do salário.

Pode então alugar uma casa, consegue uma lambreta emprestada, com ela vai para o trabalho mesmo em tempos de neve. Durante a noite os operários levam caixinhas de cerveja, bebem no trabalho, o convidam. Leva quase oito meses para se comunicar razoavelmente em francês, mas lembra desse tempo positivamente: “Depois de muito tempo tive estabilidade, emprego bom.” Sindicaliza-se, filia-se à Confederação de Sindicatos Cristãos, faz palestras, participa de cursos de formação sindical. Depois aproxima-se da outra central, a FGTB – Federação Geral do Trabalho da Bélgica, onde também começa a atuar. Os colegas o convidam para churrascos, aniversários, as pessoas tratam sua família bem e são solidárias, e ele recorda como esse foi um “período bom da minha vida”. Lá recebe visitas dos parentes, a sobrinha Sandra, a mãe. Numa carta para o sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho, nessa época, diz que tinha voltado a estudar Ciências Sociais, mas teve que parar porque suspenderam sua bolsa, e confessa que quer ir para Bruxelas, pois “tinha que estar no lugar de atuação política”. Para Tereza seria melhor também viver em

Bruxelas, onde cursava Ciência Política, e eles se mudam. Lá, Ibrahim consegue uma bolsa do Ministério do Trabalho por nove meses e encontra muitos ex-militantes brasileiros. De 1974 a 1976 a Bélgica recebera cerca de oito mil refugiados latino-americanos e Ibrahim pensa numa organização para apoiá-los, criando em 1976 a Casa da América Latina, que presidiu até deixar o país.

Mais tarde, em 1977, ajuda também a criar, com outros sindicalistas, o GAOS - Grupo de Apoio à Oposição Sindical, divulgando a resistência dos trabalhadores brasileiros. Em abril de 1978 dá uma entrevista à revista *Vêja*, onde fala da necessidade de se construir no Brasil um sindicalismo moderno, com comitês de fábrica, independente do governo, sem a herança populista. Critica o líder nascente, Lula da Silva, vê o Sindicato de São Bernardo desmobilizado, e diz que espera o surgimento de um partido para defender os trabalhadores. Recebe logo depois a visita de Jacó Bittar, que ajudara a fundar o Sindicato de Petroleiros de Campinas e Paulínia em 1973, provavelmente enviado por Lula e Olívio Dutra para, como diz, “me sondar”. Jacó diz que ele vai ser bem recebido, mas que deve voltar “devagar, de mansinho”, para “ocupar espaço, mas respeita (ndo) o lugar dos outros”, ao que ele responde afirmando que vai somar, pois “não vou lá para me confrontar, (...) disputar posição com vocês”.

Em 1979 organiza o Encontro da Oposição Sindical em Bruxelas, aproveitando um encontro de centrais de vários países. Ele avalia, nas suas memórias, que os europeus tinham uma imagem da resistência no Brasil ligada mais à luta armada e à atuação de estudantes e intelectuais, ignorando o papel dos trabalhadores “na luta para reconquistar as liberdades democráticas e particularmente as liberdades sindicais”. Ele atrai sindicalistas de diversas nacionalidades, faz palestras sobre o sindicalismo brasileiro e sul-americano por toda a Europa, e encontra-se com Arraes, Brizola e outras figuras conhecidas da esquerda brasileira. Começa a sonhar com a volta ao Brasil, e diante da emenda constitucional que restitui o habeas corpus em outubro de 1978 e da revogação do banimento em dezembro do mesmo ano, conversa com seu advogado, consulta Tereza e resolve voltar.

## A volta ao Brasil

No livro *Mazé* descreve os altos e baixos desse retorno, tentando manter a imparcialidade diante das situações descritas e o respeito às opiniões divergentes de seus entrevistados, entre os quais o próprio Ibrahim.

Ele retorna ao país em maio de 1979, e é recebido em Campinas por cerca de 5 mil pessoas, entre familiares, amigos e sindicalistas, com faixas com dizeres

alusivos à anistia. Sabia que podia ser preso e é realmente detido quando chega. Interrogado por dez horas na polícia, por Romeu Tuma, sobre o exílio e sobre seus planos futuros, é afinal libertado e segue em caravana, no capô de um carro, até a casa da família, em Osasco. Uma festa o aguarda no quintal da casa, e no dia seguinte recebe gente do mundo político e cultural e dá entrevistas.

Ibrahim quer participar desse momento de explosão política, se aproxima do pessoal do ABC e da oposição sindical de São Paulo, conhece Lula. Participa com ele de manifestações pela anistia, e de vários atos públicos. Preocupado com a formação sindical cria, em 1980, com outros companheiros, entidades de formação, como o CAPPs -Centro de Assessoria de Pesquisas e Publicações Sindicais e o CEDAC- Centro de Ação Comunitária, para aperfeiçoar quadros para o novo sindicalismo. Também edita a revista *Autonomia*. Tereza trabalha, mas ele fica “só na militância até praticamente a fundação do PT”. Como conta: “Reorganizei a oposição sindical, as oposições, e depois eu achei que tinha que ir pra questão de uma coisa nova que estava acontecendo, que era a proposta de fundação do Partido dos Trabalhadores”. Esse partido que ele imaginara em Cuba e de que falara na entrevista à revista *Veja* em 1978, vai se tornar possível depois da reforma eleitoral de 1979, feita pelo governo militar para dividir a oposição.

Para Lula, segundo recupera Mazé, o movimento pelo PT começara em dezembro de 1978, numa reunião com doze presidentes de sindicatos. Nem todos concordavam, alguns achavam que não era possível rachar com o MDB que acabara de ser bem eleito; outros, do PCB, lembravam que já existia um partido para os trabalhadores, desde 1922. O próprio Ibrahim se questionava se o momento era propício para construir um partido a partir do movimento sindical, que poderia sair dividido, mas se lança no processo, faz parte da Comissão nacional provisória formada em outubro de 1979 para criar o partido. Como secretário de organização da Comissão, corre o país a fim de recuperar as redes de organizações de esquerda dos anos 1960.

O PT nasce oficialmente em 10 de fevereiro de 1980. Depois que Lula dirige a greve dos metalúrgicos do ABC em abril desse ano, e é cassado, preso e libertado em maio, tem início, entretanto, o desgaste da relação entre os dois líderes. No primeiro congresso do PT, em agosto de 1981, Ibrahim propõe uma chapa alternativa para a executiva nacional mas obtém aproximadamente 30% dos votos, mantendo-se Lula na direção nacional do partido e Ibrahim como vogal. Ele investe na criação de núcleos do partido em Osasco onde tem suas bases políticas, mas nas eleições de 1982, quando Lula foi candidato a governador de São Paulo, e ele disputou uma vaga de deputado federal, ambos

saíram derrotados. A dedicação total à política acaba levando Tereza a deixá-lo, mudando-se para o Rio de Janeiro com o filho, e a separação é difícil para o pai.

Afastando Ibrahim e Lula, por sua vez, há questões de várias ordens. Ideológicas, como alguns entrevistados falam, já que Ibrahim era muito “influenciado por experiência da socialdemocracia europeia” e em torno de Lula estavam “pessoas saídas dos movimentos de Igreja ou antigos revolucionários que romperam com o foquismo e a luta armada”. Ibrahim reclamaria uma posição “mais à esquerda, com mais participação popular e organização de bases”. Por outro lado, alguns depoimentos desta cama disputa por mais poder dentro do partido, onde “Lula era inquestionavelmente a principal liderança”. Depois de divergências em torno de uma convenção em Osasco, Ibrahim resolve sair do partido.

Participando também da criação da Central Única dos Trabalhadores-CUT, em 1983, envolvendo os sindicalistas “autênticos” e as oposições sindicais que ele apoiava, Ibrahim ressentido-se, mais tarde, do poder do “grupo de São Bernardo” na central. Tendo acionado seus contatos na Europa, principalmente com a CFDT, e viajado para conquistar apoios, foi preterido para a secretaria das relações internacionais e logo desenvolve uma postura bastante crítica à política da central, que segundo ele não se apóia igualmente num sindicalismo organizado pelas bases, com comitês de empresa e sem imposto sindical. “Éramos uma corrente ali dentro e fomos derrotados”, ele recorda.

Após deixar o PT e a CUT, no final de 1985, Ibrahim é convidado pelo governador do Rio, Leonel Brizola, com quem desenvolvera uma amizade na Europa, para entrar no PDT. Ele aceita e vai ser o Secretário-geral do partido em São Paulo. Candidata-se a deputado federal constituinte, em 1986, mas não é eleito. Em 1989 trabalha na campanha de Brizola à presidência. Mas também termina se desencantando com o PDT em função de alianças que criticava, e acaba deixando o partido.

Em 1990, participa da criação da Força Sindical, que é fundada em março de 1991. É um período em que é muito prestigiado pela organização, representa no exterior, é recebido pelo Papa e participa de várias reuniões da OIT, mas é muito criticado por militantes da esquerda por aderir a uma central que consideravam “de direita”. Estava aliás voltando de um encontro na OIT em 1995, quando nasce seu filho Gabriel, da união de alguns anos com Elena, irmã de uma companheira.

Desliga-se da Força Sindical em 1995, alegando que a organização não estava cumprindo seu papel de central democrática e independente. Passa ainda pela SDS- Social Democracia Sindical, criada em 1997, e pouco tempo depois adere à



UGT-União Geral dos Trabalhadores, formada por egressos de diversas centrais. Desde 2005 ele estava filiado ao Partido Verde, e em 2006 concorre novamente, sem sucesso, às eleições. Diagnosticado com câncer ainda durante a campanha, é internado e operado. Continua atuando na UGT, sempre defendendo o princípio da representação no local de trabalho. Coordena, pela UGT um grupo na Comissão Nacional da Verdade, que colhe depoimentos sobre a ditadura militar. Em 2013 passa a dirigir o braço sindical do PSD-Partido Social Democrático, em articulação com a UGT, e estava nesse posto quando faleceu subitamente, vítima de uma embolia, aos 66 anos. Velado na Assembléia Legislativa do estado de São Paulo, no dia seguinte seu corpo volta a Osasco, onde recebe as últimas homenagens.

### Breves considerações finais

O livro de Mazé nos informa, nos faz recordar duros e -depois- esperançosos tempos no Brasil, nos emociona e provoca, mas também suscita muitas reflexões, algumas das quais vou tentar resumir aqui.

Em primeiro lugar, fica muito clara para o leitor, a violência de que Ibrahim, um jovem trabalhador sindicalista de apenas 20 anos, e líder de uma única - embora expressiva- greve, foi vítima. Isso retrata bem o período histórico e a ameaça que pairava sobre os trabalhadores e os dirigentes sindicais da época, simplesmente por defender seus legítimos interesses. O regime militar praticamente empurrou Ibrahim para a clandestinidade e a adesão a outras organizações não-sindicais, levando-o à prisão, às torturas e ao exílio forçado por 10 anos.

Apesar disso, a trajetória inicial de José Ibrahim como militante, preso político e depois exilado, pautou-se -como indicam suas memórias e as de outros participantes de diversas fases desse processo- por uma coerência que se revela em suas posições e seus atos. A ele sempre se atribuiu uma postura política que alguns caracterizariam como “basismo”, a preocupação externada recorrentemente com a participação e o poder de decisão das bases sindicais ou partidárias. Certamente isso informava suas ressalvas à excessiva institucionalização, por dentro da estrutura sindical oficial que criticava, do processo de encaminhamento de demandas coletivas dos trabalhadores. Sua insistência em destacar o protagonismo dos trabalhadores e a importância do movimento nas fábricas para a defesa dos interesses e a deflagração das greves – inclusive enquanto ele mesmo era dirigente sindical em Osasco-, seu apoio às iniciativas que viriam a configurar as ditas “oposições sindicais”, são sinais claros

de sua posição. Nos coletivos que cria e de que participa no exterior, ele reitera esses princípios.

De espírito aglutinador, sempre ressaltado pelos companheiros, bom orador e persuasivo, defendia o valor do debate e do convencimento. Era, em princípio, crítico dos métodos violentos na política – rejeitou entrar na luta armada no período inicial da militância em organizações, como vimos- e dizia aspirar um socialismo como o da socialdemocracia européia, pela via eleitoral. Sempre destacou a importância da educação política para a internalização de valores fundamentais pelos militantes, e desde o sindicato até as experiências no exílio, e depois na volta, esteve envolvido com a formação de quadros. As memórias registram também suas experiências de criar redes de solidariedade e apoio aos imigrantes.

Mas a narrativa de Mazé, aberta à complexidade e riqueza dos relatos e dados, nos suscita ainda outras questões. Se o retorno de José Ibrahim ao Brasil, foi marcado no início pela reaproximação com o "novo" movimento sindical e a criação de um sonhado partido dos trabalhadores, logo o seu descontentamento e a incapacidade de integração naquelas instituições e com os atores sociais nelas atuantes, mudariam o rumo de sua trajetória.

Alternando breves adesões a várias centrais e partidos, de correntes muitas vezes contrárias, Ibrahim foi desenhando, nos seus últimos anos, um perfil de dispersão política que lhe valeu muitas críticas. O seu argumento recorrente, tentando resguardar a própria coerência, foi a ausência de "democracia" nos projetos coletivos a que aderiu sucessivamente e depois abandonou, mas outros eixos possíveis de explicação podem ser levantados, entre os quais os que rapidamente indico a seguir.

As "diferenças" entre Ibrahim e alguns atores sindicais que encontra em São Paulo, de que é emblemático o caso de Lula, são em certo sentido compreensíveis. Apesar de serem da mesma idade (Lula nasceu em 1945 e Ibrahim em 1946), pode-se dizer que os dois líderes não pertencem à mesma geração "sociológica". A idade, como bem lembra Abrams (1982), não gera por si só uma identificação entre os indivíduos, mas é o encontro de duas histórias - a individual e a coletiva-, a vivência comum de certas "experiências históricas significativas", o que cria esse elo.

É importante lembrar que Ibrahim tem uma vida sindical desde muito jovem, ainda no quadro do chamado "velho sindicalismo" de características corporativistas a que se opunha, enquanto Lula só vai aderir ao sindicato mais tarde, num cenário econômico e produtivo diferente e no bojo do movimento que configuraria o "novo sindicalismo". Vários estudos mostraram que, em

muitos casos, essas “gerações operárias”, embora se distinguindo entre si, chegaram a colaborar, explorando dimensões de continuidade do orgulho profissional e de uma tradição de lutas (Pessanha e Morel, 1991). Outras vezes, no entanto, a distinção e a disputa entre elas parece ter prevalecido.

Essas relações se deram, por sua vez, no contexto mais amplo da realidade que Ibrahim encontra na sociedade brasileira quando retorna. Apesar da euforia com a volta dos anistiados, torna-se impossível desconhecer o quadro de tensões que logo se revela em alguns setores, entre os que partiram para o "exílio externo", forçados a deixar o Brasil, e os opositores do regime militar que ficaram no país, vivendo um verdadeiro "exílio interno", também pesado e doloroso, embora guardadas as devidas circunstâncias. A tensão esteve presente em várias situações vividas pelos exilados ao retornar, criando focos de discussão em torno de apropriações do passado, bem como de formulação de projetos e estratégias de ação para o futuro, e tendo a questão do conhecimento da realidade brasileira - à distância ou não- como mote principal. Aqui, como no caso das "gerações sociológicas", a vivência de determinadas experiências introduziu um corte entre os grupos sociais, empobrecendo a construção da memória coletiva a partir de diferentes quadros de referência, significativos tanto para orientar a prática política (Arendt, 1988), quanto para avaliar o presente a partir do passado (Thompson, 1971 e 1979; Barrington Moore, 1987).

Se tais fatores contribuíram para que José Ibrahim não retomasse, ao voltar ao seu país, o lugar esperado de liderança e influência no mundo sindical e político, os acidentes de percurso e as possíveis contradições apontadas não invalidam a importância de sua vida e atuação não só para a história do sindicalismo e da resistência dos trabalhadores à ditadura de 1964, como para a construção de uma sociedade mais justa e democrática no Brasil. É isso que Mazé Clothil quer nos demonstrar. E o consegue.

## Referências bibliográficas

- Abrams, P. (1982). *Historical Sociology*. UK: Operabooks.
- Arendt, H. (1988). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Barrington Moore, Jr. (1987). *Injustiça. As bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

- Chotil, M. J. (2015), *L'exil ouvrier – La saga des Brésiliens contraints au départ, 1964-1985*. Paris: Estaimpuis. (Edição brasileira em 2016).
- Chotil, M. J. (2018). *José Ibrahim- o Líder da primeira grande greve que afrontou a ditadura*. São Paulo: Alameda.
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*, São Paulo: Vértice.
- Ibrahim, J. (2011). *Greve da Cobrasma*. São Paulo: Partido da Causa Operária-PCO.
- Le Goff, J. (1988). *Histoire et Memoire*. Paris: Gallimard.
- Leite Lopes, J. S. (2011),. Memória e transformação social: trabalhadores de cidades industriais. *Mana* 17 (3).
- Manheim, K.. (1972). The problem of generations, in *Essays on the sociology of knowledge*. Londres: Routledge & Kegan.
- Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard.
- Pessanha, E. E Morel, R. (1991). Gerações Operárias-rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos do Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Ciências Sociais-RBCS* 6 (17).
- Pollak, M. (1986). Pour un inventaire – Questions à l'histoire orale. *Les Cahiers de l' IHTP*.
- Thompson, E. P. (1971). The moral economy of the English crowd in the Eighteenth Century, *Past and Present* (50).
- Thompson, E. P. (1979). *The making of the English working class*. Middlesex Penguin Books.